

# ENSINO A DISTÂNCIA E ENSINO ABERTO

## Paradigmas e perspectivas

MARIA IVONE GASPAR

### Resumo

*Parte-se da realidade social que se referencia com indicadores fortemente relacionados com a educação - a informação e o conhecimento - visando isolar uma das grandes problemáticas dos sistemas educativos actuais: a dificuldade em dar resposta adequada a anseios diferentes e situações distintas. Tomam-se as duas expressões ensino a distância e ensino aberto que se apresentam como um contributo para a solução do problema destacado. Elabora-se uma curta reflexão sobre as duas expressões, seguindo três pontos: (1) discussão dos conceitos que elas encerram, (2) enunciado e breve análise dos paradigmas que as suportam e estruturam e (3) sistematização e enquadramento das perspectivas maiores que as referenciam e orientam.*

Refere-se, com frequência, a incapacidade dos Sistemas Educativos responderem, adequadamente, às necessidades das sociedades que servem. O peso excessivo da burocracia em que assentam parece torná-los inoperacionais e contribuir para a imagem de imutabilidade que apresentam, contrariando uma das principais características da sociedade contemporânea - a mudança. Experimenta-se, de facto, a mudança vertiginosa e a sociedade, entretanto, espera que os seus cidadãos sejam capazes de lidar proactivamente com a mudança ao longo da vida, tanto individualmente como colaborativamente, num contexto de transformação global, dinâmica e multicultural. Entre todas as instituições sociais, a educativa é a única que potencialmente assume o compromisso de contribuir fundamentalmente para a prossecução deste objectivo (lidar proactivamente com a mudança) (Fullan, 1993). Será que os Sistemas Educativos assumem, realmente, este grande objectivo?

Desde 1938<sup>1</sup> que a sociedade educativa americana defende, como o fim último da educação, o desenvolvimento do individuo até ao máximo das suas capacidades.

Duas referências, a um tempo não muito próximo, para enquadrar o desenvolvimento individual: (1) Pestalozzi<sup>2</sup> concebeu a educação escolar como um complemento da educação familiar e um meio de preparação para a educação pela vida. Afirmava que era mediante a acção sinérgica destes três poderes – a família, a escola e a sociedade – que a percepção da qualidade de pessoa poderia dar a consciência de indivíduo (Chateau, 1956:235); (2) Dewey<sup>3</sup> defendia a existência de uma ligação orgânica entre educação e experiência pessoal – sendo diferentes as experiências deveriam corresponder-lhes modelos de educação diferentes, pelo que a proposta teria de ser diferenciada, enquadrando o indivíduo (Dewey, 1938: 25). O cerne da educação estaria no indivíduo, suportado pela sua experiência pessoal que é efeito da relação com os outros. Ressalta a evidência do ser individualizado inserido no grupo e integrado na sociedade.

A sociedade actual é marcada pela *informação* cujo excesso e saturação pode passar de uma vantagem para um inconveniente, contribuindo para a despersonalização com a consequente perda de individualidade. Assim, as pessoas e os sistemas organizados terão de dispor de estratégias eficazes e de competências adequadas para seleccionar e gerir essa informação. Levantam-se muitas vezes para distinguir, qualitativamente, informação, conhecimento e saber. A informação deverá ser gerida de forma crítica para ser elaborada e integrada a fim de gerar conhecimento que se traduza em saber.

Educação, conhecimento e aprendizagem são não só os temas do discurso quotidiano como se tornaram no triângulo base de grandes decisões políticas.

Cada vez se reforça mais o valor do *conhecimento* como elemento fundamental do ser humano e das sociedades. O trabalho torna-se, sobretudo, actividade cognitiva e mental. O conhecimento implica componentes afectivas e emocionais e, por isso, nele jogam um papel importante todos os processos relacionados com a inteligência emocional e as aptidões sociais. A relação desbloqueada entre “competência” e “inteligência emocional” pressupõe a autoregulação, a automotivação, a consciência social e as atitudes sociais. Competência requer uma definição não só de conhecimentos, atitudes e aptidões mas também um controlo razoável da situação e a possibilidade de desempenho de um papel pré-determinado.

A medida que se vão identificando novas competências relevantes para tratar com o *mundo da informação e do conhecimento*, vão surgindo novos modelos formativos que provocam, naturalmente, reformulações de componentes básicas dos processos de formação e de aprendizagem.

Reclama-se, há cerca de duas décadas, uma mudança de paradigma pedagógico – o centro da educação deveria passar do ensino para a aprendizagem.

Entretanto, Fullan (1992) defende algumas mudanças estruturais na educação, a fim de construir um novo paradigma onde se destacasse a passagem da oferta

monolítica para a da oferta com soluções alternativas. E Drucker (1992) afirma que as organizações e sociedades que construam a aprendizagem contínua e possibilitem o ensino contínuo nas profissões, a todos os níveis, dominarão o século XXI, contribuindo para a grande revolução dos sistemas educativos.

Alterar paradigmas educacionais não é fácil, mas é com a sua alteração que se provocam as verdadeiras mudanças. Os sistemas educativos, no sentido de responder aos novos desafios da mudança, são obrigados a diversificar a oferta educativa, quer nos seus paradigmas filosóficos, quer nos seus paradigmas processuais e metodológicos. É neste contexto que surgem duas expressões *ensino aberto* e *ensino a distância* que contemplam novos paradigmas educacionais, quer de natureza filosófica quer de natureza processual e metodológica e se tomam como a raiz deste estudo.

Ele organiza-se em torno das mesmas expressões - ensino aberto e ensino a distância - e procura identificar os seus paradigmas e perspectivas centrais. Desenvolve-se seguindo três pontos. Em primeiro lugar, discutem-se os conceitos que suportam as expressões em referência, numa curta visão temporal da sua formulação, sob o título *confronto entre os conceitos de ensino a distância e ensino aberto*. A seguir, numa percepção situacional resultante da afirmação dos conceitos, destacam-se os *paradigmas no ensino a distância e no ensino aberto*. Finalmente, numa visão proactiva, avançam-se as *perspectivas do ensino a distância e do ensino aberto*.

Pretende-se, apenas, contribuir para a reflexão sobre a natureza e as características do "ensino a distância" e do "ensino aberto". O estudo é descritivo e não prescritivo; é interrogativo e não determinativo. Ele, sobretudo, levanta questões procurando respostas que não sejam fechadas.

## **1. Confronto entre os conceitos de " ensino a distância" e de " ensino aberto"**

Ambas as expressões representam modalidades que poderão ser compreendidas dentro ou fora do sistema educativo, relacionando-se quer com a educação formal quer com a educação não formal. Elas são, muitas vezes, utilizadas como sinónimos - o que aliás acontece enquanto os conceitos não estão claramente estruturados e devidamente assimilados. As designações "auto-estudo", "aprendizagem independente", "aprendizagem aberta", "aprendizagem a distância" e "educação a distância" são muitas vezes usadas indiferentemente (Rocha Trindade, 1993:7). Contudo, estas expressões resultam de étimos diferentes, logo apresentam significado diferente e diferença se encontra, também, nos pressupostos que as suportam. Eis a razão pela qual se procura fazer uma análise em separado de cada uma delas.

### 1.1. *Ensino a distância*

Baath (1988:11) define ensino a distância como todas as formas de ensino e aprendizagem sistemáticas e organizadas onde ensinante e aprendente não estão juntos no mesmo espaço. Carmo (1995:267) aceita, obviamente, esta definição básica e, ao operacionalizar o conceito que lhe está subjacente, afirma que ensino a distância é uma modalidade de ensino que obriga a um processo de mediatização para suprir a descontiguidade entre ensinante e aprendente.

Davies (1998) diz que o ensino a distância assenta em dois pilares: o trabalho que providencia à preparação cuidadosa de materiais de estudo e o plano de relacionamento individual dos estudantes com aquele que, designando-se por conselheiro, tutor, mentor ou orientador (em vez de professor ou leitor) tem por função apoiar o estudante no decurso dos seus estudos. Já Carmo (1995) afirmara que todo o ensino a distância assenta na produção de materiais educativos. O uso de diversos suportes para esses materiais contribui para a alteração de padrões de consumo de produtos e serviços culturais. E, particularmente, torna o estudante como o gestor da sua aprendizagem. Logo o ensino a distância é produtor de autonomia.

O ensino a distância começou por ser utilizado na educação pós-escolar (à margem dos sistemas educativos). Contudo, alguns países conheceram-no ao serviço do próprio sistema educativo, como uma estratégia alternativa a outras. Hoje afirma-se, tanto na educação escolar como na educação extra-escolar, assumindo-se quer como estratégia alternativa quer como estratégia supletiva. É, pois, uma estratégia centrada na aprendizagem que se socorre de métodos e meios adequados para que ela se realize efectivamente, com o pressuposto de que o aprendente não está face ao ensinante. Exige, portanto, controlo apertado que se pode resumir a três grandes funções processuais: tutoria, supervisão do processo de aprendizagem, avaliação do progresso e do resultado dessa aprendizagem.

Está-se perante uma metodologia que assenta em decisões autónomas dos estudantes quanto a: quando quer estudar, onde quer estudar, como quer estudar, que tempo quer dedicar ao seu estudo e, ainda, que enquadramento quer dar ao seu estudo. Mas esta metodologia pode ser utilizada por opção, feita com base nas reconhecidas vantagens, ou por imposição em resultado da impossibilidade de frequência do ensino presencial, por razões de trabalho, familiares ou de residência, limitações físicas ou de circunstância. Importa sublinhar que esta metodologia de ensino-aprendizagem permite a utilização do tempo na perspectiva da sua optimização – rentabiliza-o e transporta-o.

Esta metodologia de ensino centra o processo educativo no aluno, logo o núcleo central está na aprendizagem gerida pelo aprendente e suportada pelos materiais de ensino<sup>4</sup> e de controlo e avaliação das aprendizagens. Não se está

perante o dilema entre ensino activo e ensino passivo, mas perante um ensino que torna autónomo o aprendiz.

## 1.2. *Ensino aberto*

O adjectivo "aberto" é antónimo do adjectivo "fechado"; logo, "ensino aberto" sugere atributos diferentes ou mesmo opostos dos que caracterizam o "ensino comum", tido, aqui, como "ensino fechado". O ensino aberto não é uma variante do ensino tradicional ou convencional, é o seu oposto (Open learning, Washington DC, National Association of Educational Broadcasters, 1974:19). O ensino aberto caracteriza-se pela supressão (mais ou menos completa) das restrições, das exclusões e dos privilégios; pela abolição de barreiras entre vias, fileiras ou áreas de saber; pelo alargamento dos domínios de actividades e experiências e, ainda, pela substituição das relações professor/aluno nas de estudante/conselheiro (MacKenzie *et al.*). Trindade (1993) escreve que ensino aberto tem essencialmente dois significados - livre acesso e processo de aprendizagem, obedecendo este a tempo livre, lugar livre e ritmo livre. Retem-se, neste contexto, o primeiro significado - "livre acesso".

J. K. Davies (1998) refere-se a clusters de funções básicas para providenciar o ensino aberto, dos quais se sublinham as seguintes: anunciar aos estudantes os conteúdos e requisitos dos programas de estudo; organizar e manter diversificada a oferta dos programas de estudo; acompanhar individualmente os estudantes durante a implementação dos seus programas de estudo; monitorar e rever o progresso dos estudantes nos programas de estudos; avaliar as aprendizagens realizadas e a articulação conseguida dos seus programas, em ordem a um plano de estudos pretendido. O ensino aberto exige ou arrasta um cluster de funções subsidiárias, tais como: identificação das necessidades de estudo, capacidades, interesses e aspirações dos estudantes. Assim, conduz ao acordo sobre um programa de estudo que responda às necessidades encontradas nos estudantes e pressupõe sugestões que se tornem contributos reais para um estudo efectivo dos estudantes.

Está-se perante uma forma de organização do currículo que assenta na escolha - na opção livre do estudante. O cerne do ensino aberto parece situar-se no seu poder opcional. Pressupõe a diversidade de oferta para que a escolha possa ser diferenciada. No ensino aberto não está em causa só o método, como no ensino a distância, mas também as matérias e os programas.

O ensino aberto assenta na responsabilidade individual sobre escolhas que se reflectem nas matérias de estudo, nos métodos de estudo e no progresso dos estudos e, ainda no grau ou nível dos estudos. A instituição organizadora estabelecerá perfis de formação com os respectivos níveis de exigência, definirá os patamares de progresso e fixará os índices de sucesso.

O ensino aberto altera todo o processo tradicional de gestão curricular porque o aluno é o principal construtor e decisor, ainda que tenha de se sujeitar a referências e mesmo balizas institucionais, caso pretenda desenvolver estudos que se submetam a um plano que configure um perfil e dê uma acreditação. Incentivando programas ou planos individuais, o ensino aberto é a essência dos sistemas individualizados. Ao pretender responder a interesses e necessidades do estudante, encorajando a diversidade de opções, revela menos preocupação com o tempo e o espaço do que com as aptidões e competências<sup>5</sup> dos mesmos estudantes.

## 2. Paradigmas do “ensino a distância” e do “ensino aberto”

Os conceitos em análise assentam num paradigma educativo comum: o ensino centrado no aluno; logo, privilegiam a aprendizagem em detrimento do ensino. É da clarificação dos conceitos que emergem os paradigmas que se vão tornar nas suas determinantes práticas. No respeito pela distinção – ensino a distância e ensino aberto – destacam-se os paradigmas principais para cada um deles.

### 2.1. *Ensino a distância*

O ensino a distância, traduzindo uma metodologia de ensino, tem-se desenvolvido na afirmação de quatro paradigmas fortes: estruturação, autonomia, interactividade e controlo.

- a) O *paradigma da estruturação* refere-se ao plano de estudos, aos conteúdos programáticos que explicitam o plano de estudos e aos materiais oferecidos para a concretização do mesmo plano de estudos. Tal paradigma é a pedra angular desta metodologia de ensino. Ele recorda as funções do ensino em cadeia, defendidas por Robert Gagné a fim de conseguir uma aprendizagem significativa: (1) provocar e controlar a atenção e a motivação; (2) apresentar os objectivos do ensino, isto é, informar o estudante sobre os resultados esperados; (3) estabelecer ligações com conhecimentos e interesses anteriores, articulando e estimulando capacidades pré-requeridas; (4) apresentar o material de suporte às aprendizagens e as tarefas que lhe estão adscritas; (5) guiar e estruturar a aprendizagem, oferecendo-lhe um plano; (6) providenciar *feedback*; (7) promover a transferência da aprendizagem e (8) facilitar a retenção da aprendizagem.

- b) O *paradigma da autonomia* refere-se ao estudante e torna-o no principal gestor da sua aprendizagem, relativamente a dar-lhe a possibilidade de decidir onde, como e quando quer aprender. Pretende, sobretudo, considerá-lo responsável único pela gestão do tempo para realizar as aprendizagens.
- c) O *paradigma da interactividade* aplica-se à relação do aprendente com um outro polo (talvez o ensinante) que cria condições de interrelação, provocadoras de aprendizagem.
- d) O *paradigma do controlo* relaciona-se directamente com o da estruturação. Não só os meios disponibilizados para a aprendizagem como os processos e os resultados são estreitamente controlados pelo que deverão estar sujeitos a uma avaliação contínua. Deste paradigma resulta o postulado da qualidade, como exigência para todas as fases necessárias à implementação desta metodologia de ensino.

## 2.2. Ensino aberto

O ensino aberto, como modalidade que se constrói em torno do paradigma educativo que assenta na individualidade, ainda que sujeita a referências que se prendem com graus académicos ou acreditações profissionais, apresenta como grandes paradigmas: a diversidade, a opcionalidade, a contratualidade, a maleabilidade e a flexibilidade. Se o ensino aberto optar pela metodologia de ensino a distância contemplará, também, os paradigmas que suportam este e foram anteriormente explicitados.

- a) O *paradigma da diversidade* refere-se à oferta institucional. Não poderá ser única, mas sim variada, no que respeita a planos de estudos, a conteúdos, a materiais e a processos de aprendizagem e de avaliação. A diversificação da oferta é condição imprescindível para que haja escolha.
- b) O *paradigma da opcionalidade* marca a atitude do aprendente que selecciona dentro do painel de oferta disponível.
- c) O *paradigma da contratualidade* encaminha e configura a opção feita. Isto é, o plano que resultou das escolhas do estudante é validado pelo compromisso que ele assume, responsabilmente, com a instituição; esta, por sua vez, garante-lhe os meios para o concretizar.
- d) O *paradigma da maleabilidade* tem o seu oposto na rigidez. Quer a oferta quer a escolha deverão apresentar indicadores explícitos das transferências ou acumulações possíveis. Pressupõe adaptação, contrariando qualquer padronização.
- e) O *paradigma da flexibilidade* considera-se a chave deste tipo de ensino - o ensino aberto. É suposto que ele flexibilize o acesso, o percurso, o sucesso e

o perfil de saída. A flexibilidade facilita a mudança, adequa e facilita a adaptação. Este será o paradigma central do ensino aberto porque assume a opcionalidade, associa a diversidade e a maleabilidade e pressupõe a transferibilidade.

### 3. Perspectivas no “ ensino a distância” e no “ ensino aberto”

Sobrelevando o processo de aprendizagem centrado no aprendente que organiza o seu plano de estudos e gere o seu trabalho auto-regulando-o, perspectivam-se, em conjunto, o ensino a distância e o ensino aberto. Acredita-se que eles tendem a desenvolver-se não só em paridade mas, sobretudo, em complementaridade. Está-se, por um lado, perante um modo de organização da própria aprendizagem, com a definição de tarefas que a suportem e orientem e, por outro, perante um modelo de selecção, organização e disposição dos conteúdos de aprendizagem. Associando os dois modos de organização referidos, o aluno não é mais um espectador nem, apenas, um dos intervenientes no processo, ele, ainda que sendo sempre uma das partes do processo de ensino-aprendizagem<sup>6</sup>, torna-se um privilegiado actor porque é um determinante decisor.

Se o ensino a distância, entendido primordialmente como metodologia específica de ensino, serve qualquer plano de estudos – seja qual for o seu modelo organizacional – o ensino aberto motiva o desenho dos planos de estudos o que pressupõe o conhecimento das características da população à qual se destinam e a identificação dos interesses e necessidades dessa população.

Os planos de estudos no ensino aberto tendem a suportar cursos que assentam em seis características maiores: (1) cursos de curta duração; (2) cursos de estrutura maleável; (3) cursos de fácil transferibilidade; (4) cursos com clara definição das regras de acreditação e (5) cursos que possibilitam a acumulação e transferência de créditos. Depois, comum ao ensino aberto e ao ensino a distância, destacam-se três aspectos de natureza metodológica: (1) versatilidade do papel do ensinante; (2) forte suporte em materiais para desenvolvimento das aprendizagens e (3) eficiente apoio logístico.

O ensino aberto pode pressupor a metodologia de ensino a distância, neste caso exige aquilo que é próprio dessa metodologia: (1) especificação do plano de aprendizagem, com a explicitação dos objectivos, clarificação da estrutura e sequência dos conteúdos e definição das regras da avaliação; (2) declaração do nível de exigência a que são elaboradas as matérias; (3) adequada concepção e realização técnica dos materiais, para o que deverá contribuir a tecnologia disponível e (4) boa apresentação desses materiais, de modo a torná-los agradáveis, gerando uma empatia sobre o utilizador. Planos de estudos e matérias flexíveis suportam

programas de ensino-aprendizagem e poderão ser oferecidos numa variedade de modos, com preferência do a distância e com a utilização de uma variedade de meios (scripto, vídeo, áudio, informático e multimedia). Modos e meios terão de ser apropriados às circunstâncias – audiências e suas necessidades; constrangimentos de tempo e de lugar.

O tipo de ensino designado por “aberto”, conjugado com a metodologia de ensino a distância, poderá enquadrar a aprendizagem contínua ou ao longo da vida, pelo que: (1) impõe a necessidade de escutar em ordem a aconselhar, estimular e guiar os aprendentes ao longo de um currículo que será construído individualmente; (2) exige um processo de legitimação de novas aprendizagens e conhecimentos; (3) pressupõe a transversalidade e integração de saberes e (4) acarreta inovações organizacionais e pedagógicas.

O ensino não convencional – marcado pelo ensino aberto e pelo ensino a distância – interessa aos que querem aprender, qualquer que seja a sua idade e a sua situação e interessa tanto àqueles que sonham com obter um grau académico como àqueles que se sentem suficientemente recompensados com estudos contínuos, periódicos e episódicos. Esta atitude tanto pode gerar, no campo da educação, progressos apaixonantes e de alta qualidade como pode conduzir a um relaxamento do nível universitário e, até mesmo, a um charlatanismo.

O ensino aberto revela-se mais suave, por isso mais adaptável às novas necessidades na população activa e responde melhor às aspirações pessoais dos estudantes, além dos encorajar a terem mais confiança em si próprios e a mostrarem-se mais independentes nos seus modos de aprender. Ele poderá ser a trave mestra de um novo movimento de ideias relativas à educação.

Ensino a distância não é, jamais, só de interesse para estudantes, individualmente. Ele é de interesse para a sociedade, pois permite responder às suas grandes necessidades: desenvolver o ensino de massas, tornar possível o alargamento da frequência do pré-escolar, facilitar o cumprimento da escolaridade obrigatória, prolongar o período de escolaridade obrigatória, aumentar a frequência de níveis mais avançados, percorrer caminhos mais desenvolvidos de educação; aumentar a oferta de educação contínua; enfim, reforçar a oferta de educação formal e multiplicar as ofertas de educação não formal.

Qualquer deles – ensino a distância e ensino aberto – apresentam: capacidade de resposta mais rápida e mais eficaz ao aumento da procura em educação; facilidade na criação e implementação de estratégias sistemáticas de aprendizagem; relação articulada entre a psicologia da aprendizagem e a tecnologia educativa.

Trata-se de uma mudança social que abre o acesso da educação pós-secundária aos grupos que não beneficiam dela, ou a preterem no seu esquema tradicional. Trata-se, também, de uma mudança nos métodos de ensino; utilizam-

-se métodos próprios das tecnologias de comunicação para resolver os problemas da distância ou para responder às necessidades de estudo em tempo parcial. Trata-se, ainda, de uma mudança dos postulados da educação – mudança que se traduz em maneiras novas de construir e organizar os programas, gerir a aprendizagem e avaliar os resultados da aprendizagem realizada. A combinação destes três factores de mudança confere substância à inovação, tornando sólidos os seus fundamentos e provoca efeitos profundos nos sub-sistemas de ensino superior.

## Notas

<sup>1</sup> The Educational Policies Commission of the National Education Association.

<sup>2</sup> Henri Pestalozzi viveu entre os finais do séc. XVIII e começos do Séc. XIX e propôs um modelo (ou melhor um programa) de educação na obra como *Gertrudes educa os seus filhos*.

<sup>3</sup> John Dewey viveu entre a 2ª metade do século XIX e a 1ª metade do séc. XX.

<sup>4</sup> Os materiais de ensino-aprendizagem, oferecidos nesta metodologia de ensino, têm de ser fortemente estruturados; eles exigem: definição clara dos objectivos, elevado grau de modularização, sequências cuidadas de conteúdos, identificação à priori dos pontos difíceis, mecanismos de auto-avaliação e sistema de creditação externa.

<sup>5</sup> Edgar Faure terá desenvolvido a sua obra com o título *Aprender a Ser*, neste ideal subjacente ao conceito de "ensino aberto".

<sup>6</sup> O ensino-aprendizagem será sempre um processo, sejam quais forem as características que o definam e integrará, sempre, vários actores que acarretarão dimensões distintas.

## Bibliografia

- BAATH, John A. (1988), *The Diploma in Distance Education – Course for Writers*, The Association of European Correspondence Schools.
- CARMO, Hermano (1995), *Modelos Ibéricos de Ensino Superior a Distância*, Lisboa, Universidade Aberta.
- DAVIES, W.J.K. (1998), *Open Learning Quality Development Guide* (não publicado).
- DELORS, Jacques et al. (1999), *Educação – um tesouro a descobrir*, Porto, ASA.
- DRUCKER, P. (1992), *Managing the Future*, New York, Dutton.
- FULLAN, Michael (1992), *The New Meaning of Educational Change*, London, Cassel Educational Limited.
- FULLAN, Michael (1993), *Changes Forces*, London, The Falmer Press.
- HOLMBERG, Borje (1982), *Distance Education*, Stockolm, Liber Hermods.
- MACKENZIE, Norman et al. (1977), *Études Ouvertes – systèmes d’instruction postsecondaire à distance*, Paris, UNESCO.
- TRINDADE, Armando Rocha (1993), *Basics of Distance Education*, EDEN.